



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Clarín, da Argentina**

**Palácio do Planalto, 04 de setembro de 2008**

**Presidente:** Isso aqui eu vou deixar com vocês, esse é um material mensal. Isso é só para os ministros, para o Presidente da República, para deputados e senadores, é um ajuste mensal de todas as coisas que o governo federal faz. E, depois, quando vocês chegarem em Buenos Aires, vocês vão pegar um site aqui, e todo mês vocês podem acompanhar tudo o que é feito no governo.

**Jornalista:** Perfeito. Muito obrigado, Senhor Presidente. A impressão que se tem na Argentina é que o Brasil está jogando em outra divisão, na divisão principal, e que sobretudo a partir do fracasso da Rodada de Doha, o Brasil está tomando decisões muito mais autônomas a respeito da região.

**Presidente:** Não existe essa possibilidade. Primeiro porque eu, pessoalmente, creio, trabalho e aposto na integração da América do Sul, e muito mais fortemente no fortalecimento do Mercosul. Segundo, eu disse num seminário que fiz em Buenos Aires que é muito importante que Brasil e Argentina não se enxerguem como competidores, mas se vejam como parceiros.

A Argentina tem que olhar o Brasil como um mercado de 190 milhões de habitantes, que faz fronteira com a Argentina, que não tem que pegar navio, nem tem que pegar avião para viajar 14 horas para exportar os seus produtos, é atravessar uma ponte. E o Brasil também tem que ver a Argentina como parceiro e não como competidor.

O que é importante é que os dois países certamente alcançarão este ano um fluxo comercial acima de 30 bilhões de dólares. E penso que na segunda-feira estará pronto o acordo para ser assinado com a Presidente da



Argentina sobre a nossa relação comercial e as nossas moedas. Vamos ficar livres do dólar como parâmetro para as nossas negociações.

Eu penso que ainda não esgotamos o potencial que nós temos, de trocas comerciais. É importante lembrar que quase 70% do que a Argentina exporta para o Brasil são produtos manufaturados e isso significa mais valor agregado, isso significa um potencial extraordinário porque a Argentina está num processo de reindustrialização. O Brasil, por conta disso, tem consciência do papel que joga na Rodada de Doha e do papel que o Brasil tem que jogar para cooperar com a Argentina, na recuperação da sua industrialização.

Não existe hipótese de o Brasil jogar sozinho. O Brasil tem clareza de que a sua relação com a Argentina, quanto mais harmônica for, quanto mais produtiva for, mais estaremos contribuindo para o fortalecimento do Mercosul, e mais estaremos contribuindo para o fortalecimento da integração sul-americana.

**Jornalista:** Senhor Presidente, então o que implicou essa diferença de conceitos na Rodada de Doha?

**Presidente:** Não teve diferença de conceitos. Por mais que se trabalhe o processo de integração, seja da União Européia, seja da América do Sul, seja do mundo asiático, em alguns momentos tem que se levar em conta a situação do Estado nacional. É por isso que a França nem sempre concorda com a posição da Inglaterra, e a Inglaterra nem sempre concorda com a posição da Alemanha.

Nós não poderemos ver nas nossas divergências situações de conflito, mas situações de diferenças: diferenças econômicas, diferenças de potencial industrial. Quando o Brasil, na Rodada de Doha, esteve disposto a fazer um acordo nas bases oferecidas, entre a agricultura e produtos industriais, é porque o Brasil estava disposto, no âmbito do Mercosul, a fazer a



compensação a qualquer problema que a Argentina tivesse, na Rodada de Doha. E isso nós conversamos com a Presidenta Cristina.

Às vezes fico aqui no meu gabinete, fico vendo as notícias da Rodada de Doha, e às vezes fico inquieto, porque nem sempre o que aparece é o que aconteceu lá. Em uma mesa de negociação, tem hora que você pega ou larga, não tem meio-termo. O Brasil trabalhou o tempo inteiro tendo em conta que a Rodada de Doha deveria ter como instrumento principal favorecer os países mais pobres do mundo, aqueles que dependem quase exclusivamente da agricultura, e para os quais o mercado europeu está praticamente fechado. O que nós queríamos é que abrissem um pouco. Nós temos países em que a produção agrícola é de 400 mil toneladas de algodão. Isso não é nada. E têm muita dificuldade de entrar no mercado americano, europeu. O que nós queríamos era que, na base da agricultura, se atendesse as necessidades dos países mais pobres.

Brasil e Argentina não devem nada a nenhum país europeu, do ponto de vista da capacidade produtiva, dos avanços tecnológicos, na área da agricultura. Portanto nós disputamos, em qualquer situação, com eles. Agora, outros países não podem disputar. O que nós queríamos era, de um lado, favorecer a que esses países tivessem um pouco de oportunidade e, de outro lado, exigir que os Estados Unidos diminuíssem os subsídios. A nossa contrapartida era flexibilizar nos produtos industriais, em um acordo de 10 anos, e esses 10 anos seriam tempo suficiente para que pudéssemos, no âmbito da relação Brasil-Argentina, fazer a compensação que fosse necessária para que a gente pudesse não ter problema na nossa política de industrialização. Eles são países industrializados, nós somos países, eu diria, mais ou menos industrializados. O Brasil, nessa situação, melhor ainda que a Argentina porque não sofremos o desmonte que a Argentina sofreu.

Obviamente que nós sabemos que quanto mais crescer a indústria da Argentina, mais a Argentina vai poder exportar para o Brasil e mais nós vamos



poder equilibrar a balança comercial. Nós também trabalhamos com a idéia de que a balança comercial tem que ser uma via de duas mãos, tem que ter um certo equilíbrio. Pode ter um empate, pode ter uma diferença pequena, em um ano um pode ter déficit comercial, em outro ano é o outro que tem, mas mantém-se o equilíbrio. A nós brasileiros – enquanto visão de governo – não interessa que haja consumação de um superávit muito grande, favorável ao Brasil. É preciso que haja equilíbrio e nós trabalhamos para isso. É por isso que muitas empresas brasileiras estão comprando empresas argentinas, inclusive para exportar para o Brasil aquilo que for excedente do que a Argentina não precisar usar na sua política de industrialização.

**Jornalista:** Houve um acerto de 17 pontos que foi assinado pelo Senhor e pela Presidenta Cristina Kirchner. Daquele acordo inicial que foi assinado o Senhor acaba de mencionar a assinatura do intercâmbio em pesos e real, que é muito importante. Mas ainda há questões que têm a ver com a infra-estrutura dos dois países, por exemplo a infra-estrutura na área elétrica, que tem também a ver com a questão da Embraer, eu gostaria de saber em que estado está, se o Senhor sabe, sei que é uma empresa privada, mas seria bom saber em que estado se encontra essa negociação, já que o Senhor recebeu o Ministro De Vido há um mês, mais ou menos. E finalmente o Banco do Sul. E também uma coisa a que se fez referência naquela época, que é o fato de fazer um tipo de comitê entre o BNDES, o Banco de la Nación e o BICE da Argentina, que é o banco de investimentos da Argentina. Esses são os pontos.

**Presidente:** Primeiro, a questão energética. Está claro e ninguém pode negar que nós temos um problema energético no continente. Um problema que prejudica mais alguns países e menos outros países. Por isso nós estamos trabalhando junto com a Argentina a possibilidade de construir a hidrelétrica de Garabi, construirmos uma binacional, e que a gente possa ter mais 3 mil



megawatts de energia disponível para o consumo dos dois países e, muitas vezes, para o consumo total da Argentina, porque quando está frio a Argentina precisa de mais energia.

Nós não podemos ficar dependendo do gás, porque não temos gás suficiente para explorar. A última vez que estive com a presidente Kirchner e com o presidente Evo Morales, o que aconteceu de concreto foi o seguinte: a Bolívia, nesse momento, não tem como cumprir as pretensões contratuais com a Argentina. E nem a Argentina pode construir um gasoduto sem a certeza de que vai ter o gás. Veja que engraçado: a Bolívia tem um contrato com o Brasil, de 30 milhões de metros cúbicos. Tem um contrato a Argentina, de 7 milhões. E a Bolívia está usando 6 milhões. Então, você faz a somatória e vai chegar a 43 milhões de metros cúbicos. Acontece que eles só estão produzindo 40.

Há investimentos da Petrobras para que a gente possa tentar produzir mais gás. Certamente o Evo Morales deve estar atrás de outras empresas para fazer novos investimentos na Bolívia. Agora, para que haja investimentos é preciso que haja disposição dos governantes de fazerem contratos que tenham respaldo internacional. Nenhum país vai fazer investimentos e ficar sob a pressão política e cotidiana de cada país.

Bem, nós estabelecemos com a Argentina uma política de compensação. A Argentina se queixava de que quando comprava energia do Brasil pagava um preço mais caro do que quando vendia energia para o Brasil. Então, nós fizemos uma espécie de escambo, não tem mais dinheiro na negociação, que seja megawatt por megawatt. Graças a Deus, este ano não tivemos problemas. Este ano a Argentina devolveu a energia antes do tempo. Porque graças a Deus o inverno não foi tão violento na Argentina.

No ano passado ou no ano retrasado eu estava, me parece que no Uruguai, quando o Presidente Kirchner reivindicou para mim uma urgência de energia. Exatamente naquele momento em que o Presidente Kirchner reivindicava alguns milhões de metros cúbicos de gás a mais, o Brasil, por



conta dos Jogos Pan-Americanos, estava utilizando a totalidade dos 30 milhões e, portanto, não podia ceder gás. O que nós fizemos? Eu cheguei aqui na sexta-feira às 10h da noite, fiz uma reunião às 10h da noite, no sábado o Marco Aurélio chefiou uma delegação de nove engenheiros do Sistema Elétrico Brasileiro e, na semana seguinte nós estávamos oferecendo à Argentina os megawatts necessários para resolver o problema.

É com essa visão que nós precisamos trabalhar a questão energética, levantar o potencial que têm Argentina e Brasil, que têm Uruguai e Paraguai, e tentarmos explorar ao máximo esse potencial. E é urgente, porque a cada ano que passa nós temos mais necessidade de energia, e a cada ano que passa nós temos menos energia para consumir. Esse é um problema que nós só iremos resolver se tivermos uma firme convicção de que nós precisamos fazer parceria.

Aí entra a questão da integração sul-americana. A verdade é que durante meio século a Argentina ficou preocupada com o Brasil, e durante meio século o Brasil ficou preocupado com a Argentina. A verdade é que os nossos homens de Defesa se viam como inimigos, ou como futuros invasores. E só tem um jeito de recuperarmos o tempo perdido: é nos vermos como amigos, como parceiros, como economias complementares. Essa cultura está mudando no Brasil, dentro do Itamaraty, dentro do governo, dentro do Parlamento, e eu tenho certeza de que na Argentina também está mudando, na visão do governo, na visão da diplomacia argentina e na visão dos políticos argentinos. Nós temos que nos ver como amigos - temos que construir as pontes, as rodovias e as ferrovias que faltam, fazer interligação na área de comunicação - sabendo que quanto mais trabalharmos juntos, mais fortes seremos no cenário internacional.

A questão da Embraer. Embora a Embraer seja uma empresa privada, ela tem uma relação muito produtiva com o governo, e nós temos interesse de que a Embraer monte um braço seu para produzir alguma coisa na Argentina.



Eu não sei o resultado, mas sei que houve uma reunião do ministro De Vido com a ministra Dilma Rousseff, e ao mesmo tempo uma reunião com a Embraer. Na conversa que eu tive com o De Vido ele estava otimista com a conversa que teve com a Embraer. Peço a Deus que isso dê certo e que a gente possa ter a Argentina produzindo algumas coisas dos aviões produzidos aqui no Brasil.

A questão do BNDES. Hoje o BNDES não pode investir em uma empresa estrangeira porque ele tem como fundo alavancador dos seus investimentos o Fundo de Amparo ao Trabalhador. O que nós mandamos ao Congresso Nacional: primeiro, nós queremos criar um BNDES internacional. Para isso já montamos uma agência dele no Uruguai; segundo, nós estamos criando uma coisa chamada Fundo Soberano. O projeto de lei está dentro do Congresso Nacional e com esse Fundo nós poderemos ter uma parte desse dinheiro direcionado ao BNDES, para que ele possa, inclusive, fazer empréstimos a empresas estrangeiras, financiar empresas estrangeiras, financiar novas plantas, financiar parcerias. Eu peço a Deus que o Congresso brasileiro aprove isso até o final deste ano. Foi um projeto de lei que mandamos com urgência urgentíssima, urgência constitucional, e eu espero que o Congresso vote logo, para que a gente possa consolidar o BNDES como uma agência de financiamento além do Brasil.

A questão do Banco do Sul. O Banco do Sul já é uma realidade. Ele já está configurado como instituição financeira e agora está em uma fase de se discutir quanto cada país vai aportar nesse banco e, ao mesmo tempo, escolher a direção desse banco. Obviamente que essas coisas têm que ser feitas com muita seriedade, não vale só a paixão, tem que ter todo um sistema estrutural desse banco para que ele possa funcionar, ganhar credibilidade, estabelecer relações com outros bancos que têm a mesma finalidade e, aí, termos o dinheiro para continuar financiando a infra-estrutura na América do Sul. Eu sou um otimista com relação ao banco.



**Jornalista:** A Venezuela entende assim?

**Presidente:** Entende assim, entende. Veja, nós temos que compreender uma coisa... Eu falo muito com o meu amigo Chávez que muitas vezes ele é impetuoso, é muito ousado, e desde que eu o conheci até agora já houve uma evolução extraordinária, porque ele compreende que o tempo da Venezuela necessariamente não é o tempo do Brasil, não é o tempo da Argentina. O tempo da Argentina não é o tempo do Equador, que não é o tempo do Paraguai. Cada país lida com a sua realidade econômica, política, com a realidade do seu Congresso. Eu penso que hoje todos nós estamos percebendo que só é possível construirmos essas coisas se não houver supremacia de um país sobre o outro, mas se houver um consenso de finalidades. Por isso estou otimista com relação ao Banco do Sul. Hoje eu tenho clareza, o Chávez tem clareza e a Cristina tem clareza de que nós precisamos fazer a coisa mais séria possível para que os resultados sejam os mais extraordinários possíveis.

**Jornalista:** O Brasil está disposto a aumentar o preço da energia de Itaipu para o Paraguai?

**Presidente:** É importante compreender o que acontece entre Brasil e Paraguai. Nós temos um tratado que data de 1973 e no Tratado se estabelece que metade da energia é brasileira e metade da energia é do Paraguai, e que toda a energia excedente que o Paraguai não utilizar, ele vende para o Brasil, não pode vender para outro país. Esse é o Tratado, porque foi o Brasil que financiou praticamente toda Itaipu. A questão de preço, sempre a gente discute em função da justiça. Hoje o Brasil paga mais pela energia do Paraguai do que aqui dentro. Nós pagamos ao Paraguai mais caro do que nós vendemos aqui



dentro. Sempre, e eu digo dentro do governo, eu agora estou aguardando o presidente Lugo, não sei se é no dia 17 deste mês que ele estará vindo ao Brasil, para começar uma discussão. E o Brasil tem que fazer o esforço necessário para facilitar a vida do Paraguai. O Paraguai é um país pequeno, não é justo, e eu não peço compreensão para um paraguaio que mora em Assunção ter uma hidrelétrica que produz 12 mil megawatts, dos quais 6 mil são deles, e todo dia ter apagão em Assunção. O Brasil assumiu o compromisso de fazer uma linha de transmissão, financiada pela parte brasileira de Itaipu, até Assunção. O Brasil já fez alguns reajustes nos acordos que tinha sobre Itaipu. Eu vou esperar o presidente Lugo apresentar a demanda paraguaia para a gente começar a conversar sobre o que pode ser feito.

Eu já disse ao presidente Lugo, e dizia ao Nicanor, que mudar o Tratado significa passar pelo Congresso Nacional, e não passa. O Congresso brasileiro nem aceitará discutir isso. Mas de qualquer forma, eu acho que há “N” possibilidades, outras formas de o Brasil ajudar o Paraguai. O dado concreto é que nós, brasileiros, temos que assumir que nós temos responsabilidades com o Paraguai. Quanto mais desenvolvido estiver o Paraguai, quanto mais empregos tiver no Paraguai, quanto mais renda for distribuída no Paraguai, mais tranquilidade haverá na relação entre Brasil e Paraguai.

**Jornalista:** Há uma proposta do Presidente Correa de que o Presidente Kirchner presida a UNASUL. O Brasil está de acordo?

**Presidente:** Está de acordo.

**Jornalista:** A terceira pergunta é curta. O Senhor disse que para que Brasil e Argentina invistam na Bolívia é necessária segurança internacional, segurança



jurídica. Que significa isso no contexto atual da situação política interna boliviana?

**Presidente:** Eu penso que o investimento que qualquer um de nós for fazer na Bolívia, não tem implicação com a disputa política na Bolívia. Eu estou convencido de que qualquer país tem mais chance de progredir, de se desenvolver e crescer economicamente se estiver tranqüilo e em paz. Se estivermos gastando metade das nossas energias em conflitos internos, teremos menos capacidade produtiva para pensar o futuro do nosso País.

Quando o Evo tomou posse nós tivemos problemas, e não houve da parte do Brasil nenhuma reação, a não ser fazer as concessões que o Evo queria. Os conservadores brasileiros queriam que o Brasil endurecesse com o Evo Morales. Entretanto, ele queria a refinaria, nós vendemos a refinaria para ele; ele queria aumentar os impostos, nós concordamos com tudo. Eu nasci na política achando que a riqueza do solo e do subsolo são da soberania do país. O país não tem que ceder, a não ser que ele queira. Se o Evo queria aquilo, queria. Eu alertava o Evo Morales: olha, companheiro, não basta ser dono do gás. É preciso ter tecnologia para explorar, porque senão você fica sentado em cima do gás e ele não produz nenhuma riqueza para ninguém. Depois fui a La Paz e fizemos um acordo de investimentos, que vamos cumprir.

Obviamente, qualquer empresário argentino que for convidado a investir no Brasil, na Bolívia, na Venezuela, no Equador, vai querer saber o seguinte: qual é a garantia que eu tenho? O empresário quer investir e quer ter retorno do seu investimento. Se nós quisermos que ele invista, temos que garantir.

Essa é a lógica que eu acho que deve acontecer na Bolívia. Eu acho que o Evo Morales tem todas as possibilidades de conduzir a Bolívia para uma política que durante o século passado inteiro ela não teve: mais justiça social e ajuda à parte mais pobre da população. É preciso combinar essa vontade e



essa determinação com a política de desenvolvimento do país, porque senão você não tem o que distribuir.

**Jornalista:** Há uma visão interessante, que em algum momento o Brasil, que tem este desenvolvimento tão pujante, poderia ocupar o papel do estilo da Alemanha na União Européia com a Bolívia e agora com o Paraguai, no momento em que existe instabilidade e denúncias de golpismo.

**Presidente:** Deixe-me contar uma coisa. Eu vivi, e vocês certamente acompanharam a crise brasileira de 2005. Vocês nunca me ouviram falar em golpe. Eu sabia o que era a crise; eu tinha clareza do que os conservadores deste país queriam; eu tinha clareza do que uma pequena parcela da elite brasileira, que não se conformava de eu ter chegado ao poder, queria; eu tinha clareza do que os partidos que fazem oposição a mim queriam. Em vez de ficar dizendo que era golpe, eu fui para o enfrentamento político com eles.

O resultado é que nós estamos aqui e o Brasil vive o seu melhor momento histórico. O Brasil hoje vive um momento quase mágico: combina crescimento econômico com distribuição de renda, com melhoria da qualidade de vida dos pobres, eleva os pobres à classe média, está com um processo de política de exportação e importação razoável, tem reservas de 200 bilhões, não deve mais nada ao FMI. Estamos vivendo um momento, eu diria, glorioso.

Esta semana eu fiz uma reunião aqui para fazer uma apresentação dos investimentos que estão previstos até 2012. Até 2012, temos investimentos previstos de R\$ 1 trilhão e 400 bilhões, o que daria, praticamente, 900 bilhões de dólares. Isso de projetos contratados, de obras já planejadas, sem contar com a pequena empresa e, ao mesmo tempo, temos mais investimentos por causa da Copa do Mundo de 2014. Em março do próximo ano faremos a licitação do trem-bala ligando Rio de Janeiro-São Paulo-Campinas.



O Brasil tinha passado 22 anos sem construir um alto-forno siderúrgico e agora vamos construir cinco novas siderúrgicas. O Brasil não tinha fábrica de cimento, 18 anos sem fazer uma fábrica de cimento. Agora temos dez grandes e várias pequenas sendo construídas no Brasil.

**Jornalista:** E algumas argentinas.

**Presidente:** E algumas argentinas, para que a gente possa pegar o excesso da Argentina e exportar para o Brasil. É tudo que eu desejo na vida: que a Argentina e o Brasil cresçam cada vez mais e que, cada vez mais, um possa vender para o outro. Os dois juntos podem trabalhar e se fortalecer no âmbito internacional. Por isso é que eu trabalho com a idéia de que não precisamos olhar a Argentina como um adversário no mundo comercial. A Argentina é um parceiro.

**Jornalista:** O Senhor fala da América do Sul porque o Brasil tem interesse econômico, tem interesse político, tem interesse geopolítico. Agora vão apresentar para o Senhor um plano estratégico novo que significa uma nova visão brasileira frente ao mundo, frente à América do Sul também. Eu queria saber duas coisas sobre isso. A primeira delas é: quais são os inimigos potenciais do Brasil? Adversários ou inimigos potenciais do Brasil. E a segunda: como é possível fazer na América do Sul um Conselho de Defesa, quando o senhor tem países tão diferentes como a Venezuela, de um lado, e a Colômbia, do outro?

**Presidente:** Se eu fosse pensar assim, jamais acreditaria que a União Européia pudesse dar certo, porque a Alemanha massacrou a França e invadiu a Inglaterra. Estamos construindo um tempo de paz, e é exatamente porque temos concepções diferentes de políticas de defesa que precisamos criar um



Conselho. Diferentemente dos políticos, os militares da América do Sul conversam muito entre eles, têm treinamentos conjuntos, formações conjuntas. O que queremos é que se tenha uma concepção política de defesa do continente. Exatamente por termos diferenças é que vamos criar um Conselho.

Preocupa-me profundamente quando vejo a notícia de que os Estados Unidos estão criando a Quarta Frota. Por que me preocupa? Porque a Quarta Frota vai ficar exatamente onde descobrimos petróleo. Então, quando os Estados Unidos afirmam que a Quarta Frota é uma coisa para ver negócios de saúde, nós não estamos pedindo saúde.

Acho que temos que nos juntar. Em todos os nossos países as Forças Armadas são frágeis do ponto de vista de material de defesa. O Brasil vai reconstruir a sua indústria de defesa. A Argentina já teve uma indústria de defesa muito melhor do que a que tem hoje. Nós precisamos recuperar isso, em vez de ficar comprando material russo, material... compra dos nossos. Por isso eu acho extremamente importante o Conselho de Defesa. Não vejo nenhum inimigo potencial para nós aqui, não vejo.

Obviamente, sou um pacifista juramentado. Sou um pacifista desde o dia em que nasci, entretanto, o mundo não depende só de nós. Às vezes, você sai de casa dirigindo seu carro com o maior cuidado e vem um outro de lá e bate no seu carro. De vez em quando, você quer paz, mas o outro quer guerra. Por isso precisamos estar preparados para tomar conta do nosso território, do nosso continente. Acho extremamente importante.

**Jornalista:** Crê que esta seja uma política permanente dos Estados Unidos, colocarem a frota, ou o governo democrata modificaria isto?

**Presidente:** Não sei qual é o poder que um presidente democrata ou republicano tem sobre o aparelho de Estado americano. De qualquer forma,



sempre fico na expectativa de que um presidente democrata tenha um política mais aberta para a América Latina.

**Jornalista:** A impressão que se tem na Argentina, em alguns círculos, é de que o Brasil é um país que sabe o que quer. Particularmente depois de seu discurso no seminário de empresários em Buenos Aires, que causou bastante impacto. O Senhor apresentou uma série de objetivos para seu país e para a região. E a mim, particularmente, me impressionou muito as soluções sobre as tarefas que tem a região sobre a África. É uma visão bastante inovadora em países que estão acostumados a olhar para outros continentes, menos a África. O Senhor sente que esse discurso tem efeito nas elites empresariais e na gente da América Latina, que têm uma visão mais européia, mais americana?

**Presidente:** Eu acredito nisso. Quando comecei o governo, em 2003, a América do Sul também não era levada muito em conta pela elite brasileira. A nossa cabeça, e certamente também a da elite argentina, era européia e americana.

Eu me lembro de quando o Cardoso era presidente, o Menem era presidente, Malan era ministro da Fazenda e Cavallo era ministro da Fazenda da Argentina: eles ficavam disputando quem era mais amigo do Clinton, e ficavam disputando quem era mais amigo do homem do Tesouro americano. Cada um de nós, aqui, ficava disputando quem caía mais na simpatia dos europeus.

E nós não levávamos a sério o potencial de construção de políticas complementares que tínhamos. É importante lembrar que quando tomei posse, e o Kirchner tomou posse, a nossa balança comercial era de 9 bilhões de dólares, e vai ultrapassar este ano, possivelmente, os 30 bilhões de dólares, ou 33 bilhões de dólares. Isso é importante a gente ver.

É importante ver que a gente não tinha nada com a Venezuela. Hoje,



nós temos uma balança de 6 bilhões, está certo que é superavitária, 5 bilhões de superávit do Brasil, o que é muito.

**Jornalista:** Vantajoso, não?

**Presidente:** Nós, aqui, só temos déficit com a Bolívia, por causa do gás. Então, foi um trabalho imenso para a gente convencer as pessoas de que tínhamos um mercado potencial perto de nós e que precisávamos explorá-lo, que os nossos empresários deveriam investir na Argentina, que os nossos empresários têm que fazer fábrica no Paraguai, têm que ajudar o Uruguai, precisam investir no Equador, têm que investir na Venezuela, na Colômbia, no Peru. Nós estamos tão próximos, tem tanto potencial, por que não explorá-lo ao máximo? E isso está acontecendo. Hoje, o Brasil tem mais de 4 bilhões de dólares de investimento em infra-estrutura em países da América do Sul.

Na Bolívia, na Argentina nós temos muitos investimentos. No Peru temos muitos investimentos, na Venezuela, no Equador temos investimentos. Nós nos descobrimos. E aí eu olho para a África. Não haverá democracia na África se não houver uma esperança naquele povo, de que eles vão ter possibilidade de se desenvolver e trabalhar.

O que acontece? A África terá daqui a 30 anos, aproximadamente, um bilhão e 300 milhões de habitantes. Se aquele continente continuar pobre do jeito que é hoje, não há oceano Atlântico que segure a imigração.

Para que a gente não tenha, no futuro, o que já temos na Europa hoje: cada vez mais países aprovando leis que só pode entrar lá quem tem os olhos verdes. Se nós não trabalharmos desde já, daqui a pouco estaremos, argentinos e brasileiros, não querendo que negros visitem os nossos países. O Brasil é a segunda geração negra do mundo. A Angola cresce a 20% ao ano, outros países da África estão crescendo. O que eu tenho desafiado? Os nossos empresários precisam descobrir nichos de oportunidade nesses países.



Enquanto nós ficamos olhando a Europa e os Estados Unidos, o que acontece? Os chineses estão ocupando a África. Não tem um país hoje que você vá, que não encontre chinês nos hotéis, nas ruas, nos bares e nos restaurantes. Não tem lugar que tenha matéria-prima que o Hu Jintao já não tenha visitado. E nós ficamos parados.

Nós precisamos fazer a mesma coisa que fizeram os nossos descobridores, há 500 anos: procuraram outros parceiros, novos mercados. Vender para quem pode comprar o que produzimos. Eu não consigo vender as minhas máquinas na Alemanha, porque a Alemanha tem mais tecnologia que o Brasil, a Argentina também não venderá suas máquinas na França, mas venderemos na Angola, na África do Sul, em Moçambique, em Gana, no Congo, na Argélia, na Nigéria...

O que precisamos é fazer o papel do mascate, não sei se na Argentina tratam assim também. O mascate é o turco que sai com um monte de panos embaixo do braço, bate palma na casa e fica lá uma hora, até que a dona resolva comprar uma peça para pagar em 30 meses. É isso que o Brasil e a Argentina têm que fazer.

Estou dizendo ao meu ministro da Cultura, falei para a Cristina: nós temos que fazer uma vez por ano uma grande festa brasileira em Buenos Aires e uma grande festa argentina em São Paulo. Música, comida, teatro. Nós estamos muito distantes, é preciso deixar a rivalidade para o futebol. E vamos trabalhar as coisas que precisamos trabalhar. O mandato de um presidente é muito curto. Parece longo para a oposição, mas para quem assume o governo, quatro anos é muito rápido. Então, você não tem tempo a perder. É preciso trabalhar com muito mais afinco, por isso acho que a África traz uma boa expectativa, a Ásia traz uma boa expectativa.

Estou trabalhando para que haja acordo entre os blocos asiáticos e o Mercosul. Por isso é que nós queremos levar a parceria estratégica da Argentina com o Brasil para a União Européia com o Mercosul. Isso é um



desafio, as coisas demoram muito para acontecer, não acontecem com rapidez. Um acordo que fazemos, às vezes demora dois anos para ser aprovado no Congresso. É muito difícil, por isso nós temos que ter urgência.

A minha expectativa, o Brasil montou um centro de pesquisa da Embrapa. A Embrapa é hoje a empresa de maior conhecimento mundial da agricultura tropical. Nós desconfiamos que essa parte da África tem a mesma capacidade de produção dessa parte brasileira. Soja, cana, milho. Nós já pesquisamos 17 países. Empresários brasileiros e argentinos, alemães e argentinos, façam investimentos para ajudar a distribuir isso aqui. Quando eles forem produtores, virarão consumidores.

Eu digo para a indústria automobilística brasileira: eu não me conformo em chegar a um país pobre da África que está aqui, e eles estão andando em carro americano, em carro japonês. Por que isso? Porque a gente não vai lá vender. Esse é o meu desafio: não ficar esperando que as pessoas precisem de nós, é ir vê-los.

**Jornalista:** Presidente, a pergunta que continua, o Senhor tem mais dois anos antes da mudança de presidente. A pergunta que me faço, pessoalmente, porque admiro muito o Senhor e tudo o que o Senhor fez no Brasil – não vou dizer o contrário –, mas minha pergunta é o que vai acontecer quando o Senhor sair? Como é possível que o Brasil garanta a continuidade das políticas desenvolvidas pelo Senhor, porque vem aí uma eleição e o Senhor ainda não falou quem será a sucessora ou sucessor?

**Presidente:** Eu tenho duas idéias. A primeira idéia é que, quando chegar dezembro de 2010, vou entregar para o próximo presidente da República tudo aquilo que fizemos e tudo aquilo que está programado para ser feito. Vou registrar em cartório e entregar ao próximo presidente. No Brasil, quem quer que seja meu sucessor, vai ter um problema sério: ele terá que fazer mais que



o metalúrgico, não pode passar para a história como o cara que não conseguiu fazer o mesmo que um torneiro mecânico fez. Então, vou registrar em cartório e entregar para ele o que já está feito e o que está programado para ser feito. Se entrar alguém da oposição, que acho pouco provável, e ganhar as eleições, ele vai dizer assim: “Puxa vida, eu tenho quatro anos, preciso fazer mais do que o Lula”. Eu aprendi isso na fábrica. Na fábrica, quando trabalham dois operários numa mesma máquina, um à noite e um de dia, quando você chega para trabalhar quer contar as peças que o seu parceiro fez, para fazer mais. Você não quer fazer menos do que ele. Quando ele chega à noite, vai contar as suas também. Então, eu quero que o novo presidente tenha um novo paradigma para este país.

A segunda coisa é que, com muita humildade, vou fazer a minha sucessão. Só não posso dizer quem é, mas posso até dizer que tem muitas possibilidades de ser uma mulher. Vamos fazer, porque o Brasil vai estar muito bem em 2010. Tudo o que tem que acontecer em 2010, fora da política, já está programado. Os investimentos estão programados, o PAC está programado para o Brasil até 2010, as obras de infra-estrutura estão programadas até 2012. Nós agora vamos ter que programar, no começo do ano, toda a preparação para a Copa do Mundo de 2014, que nós chamamos de mobilidade urbana: questão de metrô, de rodovias, de corredor de transporte. Portanto, nós vamos chegar a 2010 com o Brasil numa situação muito confortável.

**Jornalista:** Essa sucessão, pode ser tanto uma mulher quanto um homem...

**Jornalista 2:** Uma mulher, provavelmente.

**Presidente:** No meu caso, eu penso que nós vamos abrir essa discussão a partir do próximo ano, mas estou seguro de que nós temos todas as possibilidades de ganhar as eleições. Nós vamos estar com a inflação



controlada, a economia estará crescendo, a renda estará crescendo, os trabalhadores estarão melhores, os pobres serão menos pobres. Eu penso que é isso que garante uma eleição.

**Jornalista:** Tenho uma pergunta pessoal, Presidente. O Senhor vem de um setor político de esquerda, tem orgulho da sua origem, alguns se esquecem, mas o Senhor não se esquece da sua origem de metalúrgico. Quando o Senhor deixar o governo estará satisfeito com o que fez em favor dos desprotegidos do Brasil ?

**Presidente:** Tenho a graça de Deus de transitar bem numa reunião de bancos e numa reunião de catadores de papel. Certamente, quem gosta mais de mim são os catadores de papel. Eu tenho clareza de quem são os amigos, de quem são os companheiros e de quem são os eventuais. Eu tenho clareza de onde vim e tenho clareza para onde vou.

Ontem fiz um discurso para os catadores de papel em Belo Horizonte, e disse para eles que o grande legado que quero deixar ao terminar o meu mandato, o grande legado que quero deixar do meu mandato é encontrar com um deles na rua e a gente poder se tratar como companheiro. Esse é o grande legado: conquistar o direito de andar de cabeça erguida neste país, o que nem sempre foi possível para um ex-presidente. Eu quero conquistar o direito de andar de cabeça erguida. Vou voltar a morar no mesmo apartamento, a 600 metros do Sindicato que me criou e, certamente, vou chamar os metalúrgicos que me criaram para a política de companheiros, como eles me tratam até hoje.

Possivelmente, eu seja o Presidente que tem menos liturgia. As pessoas me chamam por apelidos, me chamam de baiano, me chamam de taturana. Aqui, na formalidade, todo mundo me chama de Presidente ou de Excelência, mas quando entra um metalúrgico aqui, quando entra um catador de papel, não



me chama de presidente. Ele me chama de Lula, me chama de companheiro. Pode ser que, para alguém, isso seja uma quebra da liturgia. Para mim, isso tem um valor incomensurável. Significa o quê? Significa que ele está me vendo como um igual. É a primeira vez na história deste país que o povo pobre se descobriu na Presidência da República. Eles não me enxergam como um Presidente apenas, me enxergam como um companheiro deles que chegou até aqui. Esse é um valor eu prezo muito e acho que é inestimável, não tem preço.

**Jornalista:** Presidente, quero fazer uma pergunta, permita-me: houve uma forte versão na Argentina, há pouco, com respeito a uma eventual renúncia da Presidenta Cristina depois do seu fracasso no Legislativo, depois da luta em matéria das retenções. Houve um rumor muito forte de que o seu governo ou o Senhor mesmo interveio para que a Senhora Presidenta não renunciasse. Isso é correto?

**Presidente:** Não é verdade, até porque o bom senso não me permitiria a ousadia de tentar interferir na política argentina. Não é verdade que o Kirchner me ligou, não é verdade que liguei para o Kirchner. Conversei com a Cristina para prestar a minha solidariedade, mas jamais ousaria dar um palpite na política argentina sem ser consultado. Se alguém me liga e pede um conselho, eu não tenho dúvida em dar. Mas não fui consultado, não poderia fazer uma interferência. Então, não é verdade, não procede essa informação.

**Jornalista:** Em algum momento o Senhor Presidente criticou ou fez alguma sugestão de que essa política de retenções da Argentina não seria uma política boa para o Brasil, que esse sistema não seria bom para o Brasil?

**Presidente:** Obviamente que cada um de nós sabe onde o calo dói. Cada um de nós age em função de suas necessidades internas. Acho que a Cristina



tomou a posição que ela entendeu que era correta e deveria tomar. Aqui, no Brasil, nós tomamos a decisão que achamos que é correta para o Brasil. Achamos que não tinha o menor sentido fazer essa política aqui no Brasil. E não fizemos. Mas eu jamais diria para um Presidente amigo: a política que você está fazendo está errada. Jamais. A não ser que uma pessoa venha conversar comigo e fale: “Lula, o que você está pensando sobre isso?”.

Tenho uma forma de trabalhar... Sou um homem que brigou muito na minha vida. Passei 30 anos da minha vida protestando. Só tenho oito para governar, então quanto menos conflito político tiver, melhor. Se eu puder tomar um café com uma pessoa e construir uma paz, pode ficar certo de que vou tomar café até ficar com azia, para evitar a guerra.

As coisas têm dado certo assim: muita tranquilidade, muita negociação, muita conversa. Sei que a imprensa que me cobriu no tempo do PT, e a imprensa que me cobriu no Sindicato, fala: “Puxa, mas o Lula está conservador”. Faço uma diferença muito grande entre o meu discurso como ser humano e a minha prática como presidente. Fui eleito para governar, e fui eleito para governar para todos. Não perco de vista nunca que dentre esses todos a parte pobre da população tem que receber mais benefícios. Agora, tento conciliar o máximo possível, porque já vivi muito conflito neste País.

Sei qual é o papel da oposição. O papel da oposição é não permitir que você tenha sucesso. Vamos imaginar a Argentina e o Brasil jogando. A Argentina sabe que o papel do Brasil é marcar gol na Argentina e não sofrer gol, não deixar os argentinos marcarem gol. Aí tem botinada, tem... Na política é a mesma coisa, são times diferentes, a nossa camisa de futebol é a gravata. Sei que a oposição se levanta e dorme torcendo para as coisas não darem certo. Não fico preocupado com o que eles pensam, é o papel deles. Até porque fui oposição 30 anos e sei como é. Eles gritam, xingam, dificultam as coisas no Congresso Nacional, mas não me preocupo. Vou tocando a vida e as coisas vão acontecendo. É isso o que quero.



Estabeleci uma relação de amizade com os Presidentes da América do Sul, que não é apenas uma relação de Estado para Estado. O dia em que eu não for mais Presidente e Chávez não for mais Presidente, nós vamos ser amigos. Sou amigo do Kirchner, independentemente de ele ser Presidente ou não; sou amigo do Nicanor, independentemente de ele ter perdido as eleições. Afinal de contas, são cinco anos de relações que se tem, e eu preservo isso. Tenho como valor fundamental as minhas relações de amizade. Amizade não se herda, se constrói, e eu prezo isso.

Acho que criamos uma nova classe dirigente na América Latina, na América do Sul. Um tem um discurso mais à esquerda, outro tem um discurso mais à direita, outro tem mais ao centro, mas é essa diversidade política e ideológica que permite que a gente construa os consensos possíveis. Digo sempre aos meus amigos aqui, aos companheiros Presidentes, que precisamos ter em conta a nossa história para podermos saber valorizar os avanços que já tivemos. Eu me lembro de que quando se construiu Itaipu, os militares brasileiros e argentinos... Os argentinos falavam, naquela época, em construir uma bomba atômica porque achavam que Itaipu era para inundar, mas não era. Hoje nós estamos pensando em construir uma hidrelétrica em conjunto.

Há um avanço político aqui no nosso continente, e eu penso que precisamos valorizá-lo. Quero mais empresas argentinas investindo no Brasil, quero mais empresas brasileiras investindo na Argentina, quero mais parcerias de empresários brasileiros com argentinos, quero mais atividades culturais entre Argentina e Brasil. É uma vergonha, por exemplo, eu não saber dançar tango. Tenho certeza de que a Cristina não sabe dançar samba. Nós precisamos nos entrosar. Quantos jornalistas do Clarín sabem dançar samba? E quantos brasileiros sabem dançar tango? Então, precisamos criar um novo ritmo entre nós, um tango-samba, uma mistura.



**Jornalista:** Presidente, lhe pareceu boa medida o pagamento da Argentina ao Clube de Paris?

**Presidente:** Acho importante, porque foi uma decisão acertada da Presidenta Kirchner. Acho que tem o tempo de tomar posições duras, de radicalizar, e tem o momento de fazer as negociações possíveis. Acho que o pagamento que a Cristina fez vai ser benéfico para a Argentina em curto prazo. Aqui, tomei uma decisão. Quando chegamos aqui, tínhamos 30 bilhões de dólares no FMI. No terceiro ano de mandato, chamei meu ministro da Fazenda e falei: quanto é que nós temos de dívida com o FMI? “Dezesseis bilhões”. Chame o FMI aqui e entregue o dinheiro para eles. Eles não queriam receber. Era o presidente Rato, espanhol: “Não, Lula, não precisamos”.

Então, acho que foi uma atitude correta da Presidente argentina. Certamente que ela só pôde pagar porque a Argentina hoje tem uma condição muito melhor do que aquela que o Kirchner recebeu.

**Jornalista:** O Senhor tem extraordinárias reservas de óleo na camada pré-sal. Qual é a sua idéia em função dessa renda, desse lucro que vai conseguir com a camada pré-sal para, como o Senhor falou, colocar esse dinheiro na educação? O Senhor acha mesmo que é a grande dívida que ainda...

**Presidente:** Temos alguns problemas, para os quais penso que vamos ter que tentar encontrar uma solução. O primeiro deles é que nós queremos criar uma indústria petrolífera e uma indústria naval fortes. O segundo é que nós precisamos aproveitar esse petróleo não para exportar o óleo cru, mas para exportar derivados. Vamos construir em São Luiz do Maranhão uma refinaria de 600 mil barris/dia para produzir gasolina premium, e vamos criar uma refinaria de 300 mil barris/dia para produzir biodiesel de mais qualidade, para exportar para a Europa e Estados Unidos. A última refinaria que o Brasil fez foi



em 1980. Agora, estamos contratando cinco novas refinarias. Duas já estão sendo construídas e três serão contratadas no próximo ano.

A outra coisa é que vamos pagar a dívida com a educação brasileira. Queremos criar um fundo com esse petróleo do pré-sal para que seja de todos os brasileiros, e que possamos fazer grandes investimentos na área da educação. Ao mesmo tempo, uma parte desse fundo é para cuidar dos pobres brasileiros. Vamos aproveitar o petróleo para diminuir a pobreza deste país.

**Jornalista:** Vai ser um fundo então, não uma empresa?

**Presidente:** Nós ainda não temos um... Eu vou receber no dia 19 de setembro a proposta que o grupo de trabalho está criando. A ideia de criar uma empresa também é uma coisa simples. É uma empresa, é quase uma holding. A da Noruega tem apenas 60 funcionários. Mas ainda não temos um modelo definido. Vamos decidir no final do ano.

Para terminar, deixe-me dizer para vocês o seguinte: sou um homem que crê em Deus e, por essa crença que tenho, estou convencido de que nos próximos 10 ou 20 anos a Argentina e o Brasil terão mudado de patamar na sua relação com o mundo. Se a gente der continuidade ao que está acontecendo neste momento, daqui a 10 ou 20 anos – espero estar vivo para ver –, as nossas relações serão muito maiores, serão fortes a integração política, cultural e comercial. Eu trabalho com essa visão e tenho certeza de que o meu governo todo trabalha. Se eu fizer minha sucessão, certamente também trabalhará com essa nossa visão. Penso que nós temos tudo, a Argentina e o Brasil, para consagrar o Mercosul.

Quero agradecer a vocês e esperar que a Argentina não ganhe mais do Brasil. Hoje eu vim com uma gravata para homenagear a Argentina. Eu vim aqui para homenagear a Argentina. Eu, agora neste final de ano, estou pensando em fazer um ato com todos os movimentos sociais brasileiros:



catadores de papel, sem-terra, CONTAG, deficientes físicos, tudo o que você possa imaginar. Vou fazer um ato aqui em Brasília para a gente fazer uma apresentação das conquistas sociais.

-

(\$31DHJMP)